

PREFÁCIO

Acompanhei como orientador a tese de doutoramento de Angela Laguardia, depois de ter feito o prefácio do livro que resultou da sua dissertação de mestrado, com base no romance *Fazes-me Falta*, de Inês Pedrosa.

A circunstância de ter estudado a obra romanesca daquela ainda jovem escritora portuguesa levou-a a dedicar-se à comparação entre a sua crónica e a de Clarice Lispector, após a visita a uma exposição da sua obra em São Paulo.

Tal comparação pressupunha o estudo de duas vertentes: a dos Estudos Femininos, em Portugal e no Brasil, e a evolução do conceito de crónica ao longo dos tempos, em particular a consideração da obra das principais mulheres cronistas nos dois países. Foram estes os dois primeiros capítulos da sua tese de doutoramento, a que intitulou *Vozes Femininas em A Descoberta do Mundo, de Clarice Lispector, e Crónica Feminina, de Inês Pedrosa*. Tais capítulos são fundamentais para se entender com maior abrangência o livro que agora se publica, mas que, por motivos económicos e de redução de páginas, se omitem nesta publicação.

De qualquer modo, a *aproximação* que é feita entre as duas cronistas, depois de se proceder ao estudo da obra crónica de cada uma, e que é objeto dos três últimos capítulos da tese, é suficientemente esclarecedora do contributo literário e cultural de ambas.

São duas vozes acutilantes e iluminadas que se pronunciam, cada qual com o seu estilo próprio, sobre os principais problemas dos respetivos mundos, envolvendo ambos os países, em tempos diferenciados, a que não é indiferente o regime político vigente nos momentos em que se pronunciam.

Clarice Lispector, fazendo da crónica como que um *laboratório* literário no qual refaz ou prepara toda a sua obra romanesca, espelha-se na sua *Descoberta do Mundo*, numa autorrevelação epifânica, confrontando filosoficamente o universo que descobriu ao longo da sua vida, em contactos pessoais, na experiência familiar, nas suas viagens pelo mundo. São pequenos textos que fixam, em *flash*, momentos do quotidiano, reações de figuras e personagens, muitas delas femininas, a própria relação entre seres humanos e animais e vegetais, para deixar as

suas considerações em jeito de questionamento e de uma mensagem interpelante para a vida social e política, tendo, naturalmente, subjacente um quadro ético de valores humanistas. É, pois, o Brasil de uma época, tutelada pela ditadura, que emerge nas suas crónicas, e sobre o qual a escritora reflete, debate, põe em causa, não deixando de apontar alternativas mais racionais.

Inês Pedrosa, uma voz profética aguerrida e penetrante, passa em revista o início do século XXI português nas mais variadas questões: a educação, a saúde, a arte, a literatura, o desporto, a pobreza, a violência e o terrorismo, a economia, a política. Recorrendo à citação de escritores que marcaram o seu percurso literário e mental, também debate estas questões com toda a frontalidade, deixando as suas críticas, os seus argumentos, não deixando de apontar alternativas ao mundo focado em pormenor. No epicentro da sua cronística estão as mulheres: o seu universo, os seus problemas, as suas angústias, a sua sensibilidade espiritual.

Duas mulheres cronistas são confrontadas neste livro, cada qual com o respetivo mérito e a sua mundividência, inserindo-se no tempo e no espaço que experienciaram. Como diz este livro, são “dois mundos, dois olhares, dois estilos em convergência”.

Espero que a leitura desta *Aproximação* entre as duas cronistas possa ajudar a entender o respetivo mundo e o essencial das suas mensagens tão oportunas ainda hoje, apesar de todas as mudanças políticas, económicas, sociais e culturais verificadas, com a velocidade supersónica que nos invade, sacode e desaloja interiormente.

António Moniz